



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

Terapia ocupacional e mundo rural: uma revisão de escopo

ORIENTANDO: Mateus Francisco da Silva

ORIENTADORA: Profa. Dra. Roseli Esquerdo Lopes
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL - DTO

COORIENTADOR: Prof. Dr. Magno Nunes Farias
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – UFSCAR
FACULDADE DE CEILÂNDIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

SÃO CARLOS – SP

2022

MATEUS FRANCISCO DA SILVA

Terapia ocupacional e mundo rural: uma revisão de escopo

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Profa. Dra. Roseli Esquerdo Lopes

Coorientador: Prof. Dr. Magno Nunes Farias

São Carlos – SP

2022

DEDICATÓRIA

Dedicado à Maria do Carmo Viana, Mariana Inácia de Jesus, ao Antônio da Silva, José Moreira da Silva, Mário Viana, à Tia Onofra, Maria Izabel de Sá e Maria Romana de Jesus.

RESUMO

O mundo rural é um território com contextos, histórias e significados com extrema importância para a sociedade como um todo. No entanto, ele é visto, ainda, como algo separado desta e sendo, ao mesmo tempo, marginalizado em relação ao meio urbano. No contexto brasileiro, ele é tido muitas vezes como um espaço atrasado, desatualizado e rústico em relação ao meio urbano. Esse espaço sofre por falta de políticas públicas e pelos conflitos que envolvem a concentração fundiária que caracteriza o mundo rural no Brasil, desde o período colonial. A falta de acesso a bens sociais acaba por limitar as perspectivas da pessoa que nele vive, conformando-a a papéis culturais construídos com base nesse processo histórico da marginalização, o que diminui sua autonomia e escolhas com relação à sua própria vida. Tomando-se o âmbito mundial e também nacional, a área de Terapia Ocupacional tem realizado trabalhos em diversas de suas subáreas, na busca de contribuir para a resolução de problemática que envolvem contextos e sujeitos que ocupam e vivem nesse meio. Assim, o objetivo primário deste estudo foi a realização de uma revisão de escopo que abrangesse produções nacionais e estrangeiras, procurando compreender, sistematizar e divulgar a produção científica na interface da terapia ocupacional com o mundo rural, analisando-a criticamente, de modo a se perceber as potencialidades e as fragilidades da produção de conhecimento e práticas nesse âmbito, considerando as diversas ruralidades e contextos mundo afora. Foram encontrados resultados dos cinco continentes com dados necessários para realizar uma sistematização e uma síntese deste conhecimento. Estes foram estudados, analisados e distribuídos em seis categorias de acordo com os assuntos abordados. Conclui-se que diversos estudos na interface entre a terapia ocupacional e o mundo rural foram feitos mundo afora, abordando diversos aspectos e esferas, tanto no âmbito da prática, abrangendo os próprios profissionais e as populações assistidas, quanto no meio acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia Ocupacional; Rural; Ruralidade; Revisão

ABSTRACT

The rural world is a territory with contexts, histories, and meanings of extreme importance to society as a whole. However, it is still seen as something separate from it and, at the same time, marginalized in relation to the urban environment. In the Brazilian context, it is often seen as a backward, outdated, and rustic space in relation to the urban environment. This space suffers from a lack of public policies and from the conflicts involving land concentration that have characterized the rural world in Brazil since the colonial period. The lack of access to social goods ends up limiting the perspectives of the person who lives there, conforming him to cultural roles built on the basis of this historical process of marginalization, which reduces his autonomy and choices regarding his own life. Taking the global and also the national sphere, the area of Occupational Therapy has carried out works in several of its subareas, in an attempt to contribute to the resolution of problems that involve contexts and subjects that occupy and live in this environment. Thus, the primary objective of this study was to carry out a scope review that encompassed national and foreign productions, seeking to understand, systematize and divulge the scientific production in the interface of occupational therapy with the rural world, analyzing it critically, in order to perceive the potentialities and weaknesses of the production of knowledge and practices in this field, considering the diverse ruralities and contexts worldwide. Results from the five continents were found with data needed to carry out a systematization and a synthesis of this knowledge. These were studied, analyzed, and distributed into six categories according to the issues addressed. We conclude that several studies on the interface between occupational therapy and the rural world have been carried out around the world, addressing various aspects and spheres, both in the scope of practice, including the professionals themselves and the populations assisted, and in the academic environment.

KEY WORDS: Occupational Therapy; Rural; Rurality; Review

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – The Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses

Gráfico 1 – Número de publicações por ano

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos estudos selecionados em categorias

Tabela 2 – Autores que publicaram dois ou mais estudos

Tabela 3 – Número de autores e coautores em suas instituições por país e por continente

Tabela 4 – Periódicos que publicaram dois ou mais estudos

LISTA DE SIGLAS

CORE – Capabilities, Opportunities, Resources and Environments

CTP – Crosstrainer Programme

PRISMA – The Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses

PRISMA SCr – The Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses
extension for scoping reviews

LISTA DE SÍMBOLOS

® - Marca Registrada

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
METODOLOGIA.....	15
RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
CONCLUSÕES	25
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

Entende-se o mundo rural como um território sociocultural integrado à sociedade como um todo, estando em interação dinâmica com o meio urbano e a contextos diversos do mundo contemporâneo em um continuum campo - cidade (WANDERLEY, 2001).

O mundo rural se faz presente em um duplo espaço. O primeiro, um espaço físico com características próprias construídas a partir do processo histórico da ocupação do campo, desenvolvendo dinâmicas sociais de dominação, baseada na lógica de posse e utilização de recursos naturais, como a terra e a água. O segundo, o espaço da vida cotidiana no qual se vive a vida, com as singularidades e características identitárias do viver neste meio (WANDERLEY, 2001).

Assim, o rural é um território com contextos, histórias e significados com extrema importância para a sociedade como um todo. No entanto, visto, ainda, como algo separado da sociedade e sendo, ao mesmo tempo, marginalizado em relação ao meio urbano (WANDERLEY, 2001).

No contexto brasileiro, ele é tido muitas vezes como um espaço atrasado, desatualizado e rústico em relação ao meio de maior aglomeração populacional e detentor de maior número de equipamentos de educação, cultura e saúde, o urbano. A densidade populacional mais rarefeita no campo e a privação de acesso aos meios citados são fatores que influenciam na marginalização do “mundo rural”, a “cidade, com suas funções centralizadoras e concentradoras, seria depositária do poder público e distribuidora dos serviços públicos e privados, destinados a todos os municípios, rurais e urbanos” (WANDERLEY, 1997, p. 3). A concentração de recursos e de órgãos judiciais no centro urbano influencia totalmente a autonomia rural enquanto um meio singular, pois o torna refém da condição imposta judicialmente por aquele, o que acentua a desigualdade entre os meios, uma vez que o último está incluso como uma extensão do primeiro, não como um lugar com demandas próprias e que requer serviços comuns, mas, igualmente, alguns específicos. Isto é agravado, também, pela localização de principais serviços públicos e privados nas cidades, o que piora a condição de se viver no meio rural, com desvantagens sociais condicionadas, justamente pela falta de acesso (WANDERLEY, 1997).

Nesse sentido, esse espaço sofre historicamente com um processo de marginalização em relação ao urbano, não apenas pela dominância cultural deste, mas por falta de políticas públicas e pelos conflitos que envolvem a concentração fundiária que caracteriza o mundo rural

no Brasil, desde o período colonial. A falta de acesso a bens sociais, ainda que fosse possível relevar a posse da terra, a recursos e equipamentos acaba por limitar as perspectivas da pessoa que nele vive, conformando-a a papéis culturais construídos com base no processo histórico da marginalização, o que diminui sua autonomia e escolhas com relação à sua própria vida (WANDERLEY, 2001; FARIAS; LOPES, 2018).

Tomando-se o âmbito mundial e também nacional, sabemos da realização de diversos trabalhos da área de terapia ocupacional, na busca de contribuir para a resolução de problemática que envolvem contextos e sujeitos que ocupam e vivem nesse meio (REGAN, 1982; FARIAS; FALEIRO; LOPES, 2019).

O processo de marginalização do campo, ou do mundo rural, se reflete não só no cotidiano das pessoas que nele vivem, mas também no âmbito daquilo para o quê se voltam diversos profissionais, seja em termos de formação seja naquilo que buscam contribuir com ações técnicas, entre eles os terapeutas ocupacionais (REGAN, 1982; WILLS; CASE-SMITH, 1996).

A prática terapêutico-ocupacional no meio rural, conforme alguns autores adiante citados, pode ser caracterizada de diversas maneiras. Ela pode ser de caráter comunitário, como experiências em escolas rurais, em geral de cunho generalista, como descrevem Wills e Case-Smith (1996), que se adapta de acordo com a demanda, a idade e o contexto das pessoas e comunidades, pontuando-se a necessidade do respeito e da valorização do território rural e com vistas à equidade em relação à população urbana e ao acesso à educação, à cultura, entre outros bens sociais (REGAN, 1982; WILLS; CASE-SMITH, 1996).

Regan (1982) e Johnson et al. (2003), em pesquisas no contexto rural estadunidense, demonstram as diferenças de diversas esferas ocupacionais entre o meio rural e o meio urbano, considerando a falta de investimento em infraestrutura por parte do Estado em relação ao meio rural. Em decorrência disso, por exemplo, o déficit no ensino de escolas rurais na década de 1980 era alarmante quando comparado ao das zonas urbanas. Mas, as autoras identificaram que a ação da terapia ocupacional no âmbito escolar poderia ajudar a minimizar este déficit, propondo uma integração dos recursos comunitários e políticos em prol da garantia de um sistema de ensino adequado às demandas do contexto. No entanto, esses estudos apontam que o terapeuta ocupacional rural poderia entrar em conflito com terapeutas ocupacionais de outras áreas, por falta de conhecimento das singularidades requeridas para a intervenção no meio rural por parte destes (REGAN, 1982).

Jonhson et al. (2003), em seu estudo junto a terapeutas ocupacionais que trabalham no meio rural estadunidense, com o objetivo de traçar características deste profissional de um modo geral, evidenciam que estes trazem três componentes principais em suas práticas profissionais: a) conhecimento geral de todas as subáreas de atuação e, ao mesmo tempo, maestria em nenhuma, uma vez que ainda não havia uma quantidade de estudos voltados para a profissão no contexto rural, portanto, o profissional tinha que ter uma linha de estudo voltada para todas as subáreas da terapia ocupacional, o que, igualmente, tornava difícil ou mesmo impossibilitava a procurar pela especialização em uma linha de conhecimento; b) a necessidade de adaptabilidade do profissional ao meio em que trabalha; e c) o lidar com um rol amplo e diverso de demandas a serem atendidas. Quanto ao meio, elas o caracterizaram como comunidades de poucos recursos políticos e materiais e, em decorrência disso, pontuaram como sendo necessária uma reestruturação dessas comunidades a fim de se melhorar tais condições. Contudo, segundo as autoras, os profissionais que participaram da pesquisa colocaram que a interação entre comunidade e profissional era constante e estreita, devido à adaptação do terapeuta ocupacional ao seu trabalho e à comunidade, o que poderia trazer uma enorme satisfação para o profissional.

Na Austrália, a falta de investimento público no setor da saúde no âmbito rural afetaria a prática terapêutico-ocupacional (MILLSTEED, 2000; MCAULIFFE; BARNETT, 2009). Porém, para além do poder público, o isolamento e o distanciamento de outros profissionais também acarretariam problemas de diversas naturezas à prática do terapeuta ocupacional do meio rural. A distribuição desigual de profissionais influenciaria não só no acesso das pessoas aos serviços de terapia ocupacional, como também na formação desses profissionais, tendo em vista o distanciamento de instituições que ofertam cursos de terapia ocupacional do meio rural e o déficit de referenciais teórico-metodológicos nesta área. Uma proposta para o enfrentamento desse problema foi o movimento de educação rural como uma forma de minimizar a desvantagem rural-urbana na Austrália. As estratégias desse movimento passavam por fomentar a aproximação da universidade como um todo e também da área de terapia ocupacional da questão da ruralidade, na tentativa de melhorar a percepção do aluno de terapia ocupacional sobre o meio rural e de aumentar o número de futuros profissionais que pudessem se interessar por trabalhar com essa temática (MILLSTEED, 2000; MCAULIFFE; BARNETT, 2009).

No Brasil, Farias, Faleiro e Lopes (2019) trazem a discussão da intervenção de terapia ocupacional social em escolas no meio rural no processo de democratização da escola pública no território rural, focalizando as necessidades dos jovens, uma vez que esta população sofre

exclusão social devido às desvantagens históricas de acesso a diversos serviços e direitos, incluindo a permanência na educação escolar. Contudo, os autores propõem que o terapeuta ocupacional se coloque em uma posição que contribua para o reconhecimento das necessidades e potencialidades em diversas esferas da vida e dos interesses dos jovens rurais, em âmbitos micro e macrosociais, lidando com o estereótipo do campo e daqueles que nele vivem como residual e atrasado.

Assim, com base nesses estudos, percebe-se que a terapia ocupacional no meio rural tem sido trabalhada e/ou pautada tanto no Brasil quanto em alguns outros países. Tais trabalhos, por outro lado, nos fazem observar os potenciais por explorar sobre este assunto, pois trazem uma forma a compreender, problematizar, fundamentar e divulgar a prática terapêutico-ocupacional, mas, ao mesmo tempo, delineiam um campo de conhecimento pouco disseminado, em construção, em desenvolvimento. Certamente, o distanciamento da universidade, em termos de formação, como também na pesquisa no escopo da terapia ocupacional no que tange à temática, aliado às desvantagens sociais do meio rural são barreiras que desafiam proposições de intervenção em terapia ocupacional em um contexto rural.

Considerando-se o compromisso da universidade pública com a busca de soluções para problemas e demandas sociais por meio da formação de profissionais, de pesquisadores e da produção de conhecimento, nosso intuito com este estudo foi levantar, reunir e analisar informações e experiências, como também disseminar conhecimentos já existentes para que profissionais da área e pesquisadores tenham um mais fácil acesso a esse material e possam, assim, produzir avanços quanto a essa temática.

Além disso, ao trabalhar com a revisão de escopo, como se verá a seguir, buscou-se sintetizar o conhecimento de modo a mapear conceitos, evidências e lacunas em produções acadêmicas relacionadas à terapia ocupacional e o mundo rural, de uma forma sistemática e seletiva (ARKSEY; O'MALLEY, 2005; COLQUHOUN *et al.*, 2014), com vistas a agregar elementos para colaborar com a qualificação de intervenções específicas da área em territórios, contextos e com sujeitos do mundo rural e, por fim, ainda que indiretamente, para a incorporação dessa temática como conteúdo de disciplinas que deveriam compor as matrizes curriculares de graduação em terapia ocupacional no Brasil.

METODOLOGIA

Optou-se por realizar uma revisão de escopo, pois esta possibilita sistematizar e mapear principais fontes, assuntos e conceitos referentes a uma determinada área (MAY; ROBERTS; POPAY, 2001). De acordo com esse método (ARKSEY; O'MALEY, 2005; LEVAC; COLQUHOUN; O'BRIEN, 2010), primeiramente, foi necessário elaborar a questão de pesquisa, a saber: “*O que foi produzido sobre a interface da terapia ocupacional com o mundo rural?*”. Com esse mote, foi realizada uma busca nas bases acadêmicas de dados *Web of Science* e *Scopus* e na biblioteca eletrônica *SciELO*, para o levantamento de estudos relevantes até o ano de 2020. Com o auxílio da ferramenta *Excel*®, foi criada uma planilha na qual foi utilizada para a revisão de textos possivelmente duplicados. Em seguida, utilizando-se a ferramenta *Mendeley*®, foram realizadas as leituras dos títulos e dos resumos dos estudos, na busca por estudos relevantes para a questão de pesquisa, os quais, na etapa seguinte, foram lidos na íntegra. Com essa leitura, foram reunidos os textos que relacionassem a terapia ocupacional com o meio rural ou com suas populações sob a perspectiva da área. Por fim, os estudos incluídos foram agrupados e categorizados de acordo com o(s) assunto(s) especificamente abordado(s).

A fim de melhor qualificar as buscas, foi realizada uma consulta com uma bibliotecária, funcionária da Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos, no intuito de montar uma chave de pesquisa que abrangesse o maior número de estudos possível. Assim, os descritores utilizados nas buscas foram: “*occupational therapy*”, “*occupational therapist*”, “*rural populatiton*”, “*rural community*”, “*rural area*”, “*rural health*”, “*rural health service*” e “*rural health center*”.

Para a sistematização dos dados, foram utilizadas as ferramentas supracitadas e, de forma complementar, o *The Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) extension for scoping reviews (PRISMA-ScR)* (MOHER *et al.*, 2009; TRICCO *et al.*, 2018) e, para tanto, utilizou-se ainda a ferramenta *Canva*®.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um total de 582 estudos foram encontrados a partir das buscas. A planilha criada foi utilizada para sistematizar os trabalhos de acordo com o título, autores, ano de publicação e periódico no qual foi publicado. Deste modo, 86 (14,8%) trabalhos foram excluídos pela revisão de duplicados. Em seguida, foram feitas as leituras dos títulos e dos resumos dos 496 restantes. Destes, 363 (73,1%) foram eliminados por não abordarem, de fato, alguma interface da terapia ocupacional com o meio rural e um (0,2%) por não poder ser acessado; 126 (25,4%) foram incluídos; e seis (1,2%) passaram para a próxima fase, apesar de não ter ficado evidente se atendiam ou não aos critérios, dada a leitura apenas dos seus resumos.

Na etapa seguinte, foi realizada a leitura completa dos 132 textos remanescentes, dos quais 74 (56,1%) foram incluídos e organizados em classificações de acordo com os temas abordados, 49 (37,1%) foram excluídos por não atenderem aos critérios e nove (6,8%) por não ser possível o acesso de sua versão integral.

Dos 582 estudos inicialmente encontrados, 74 (12,7%) foram mantidos e categorizados (Figura 1), sendo o mais antigo do ano de 1982 e o último, 2020 (Gráfico 1). Estes foram relidos integralmente e sua análise permitiu que fossem distribuídos nos seguintes eixos criados: 29 (39,2%) em *Perspectivas e percepções de terapeutas ocupacionais sobre a prática no meio rural*; 25 (33,8%) em *Metodologias de trabalho no meio rural*; 10 (13,5%) em *Estudo de uma população com viés terapêutico-ocupacional*; seis (8,1%) em *Impactos de uma prática sobre uma população*; três (4%) em *À procura de uma educação eficiente*; e um (1,3%) não coube em nenhuma desses eixos (Tabela 1).

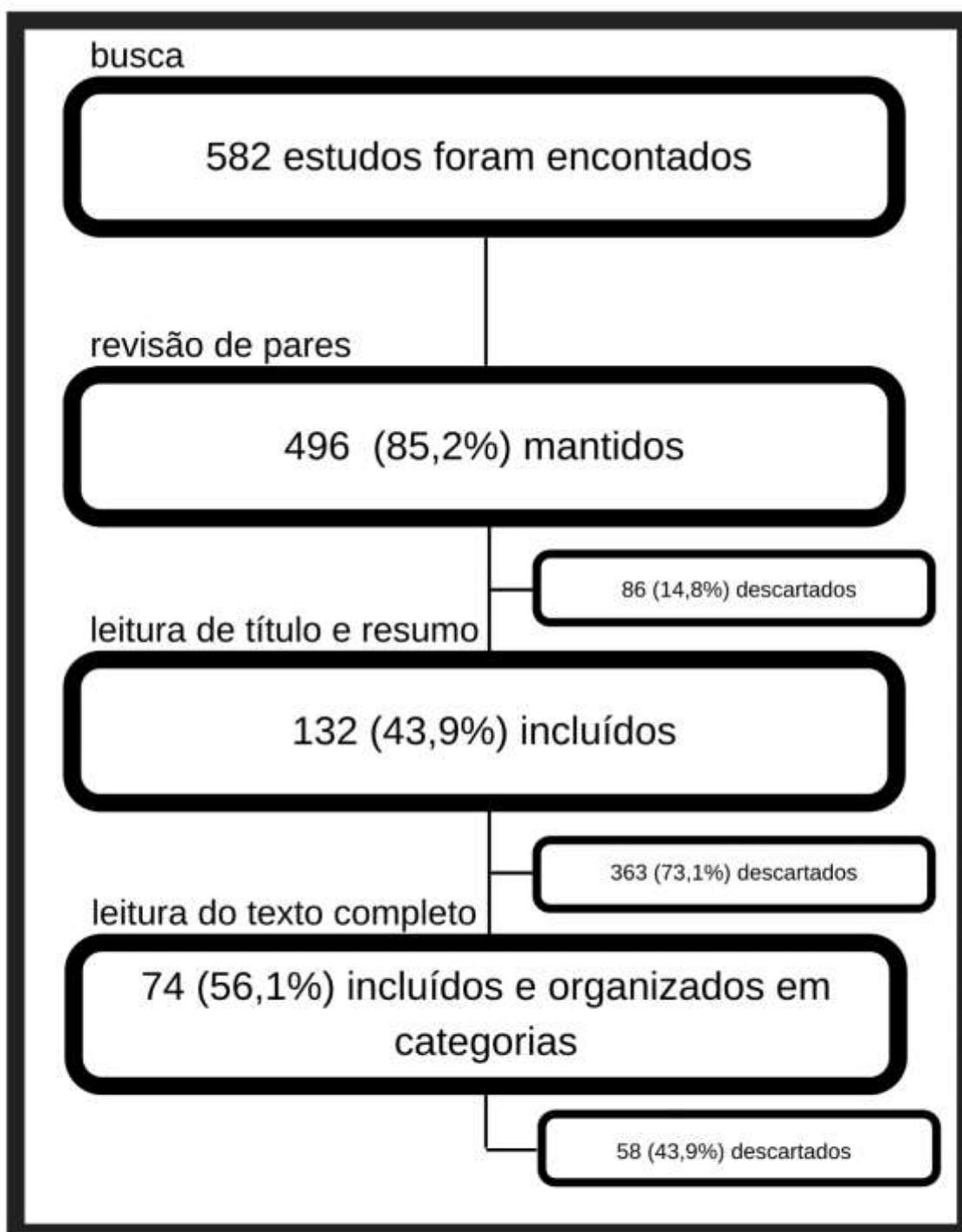
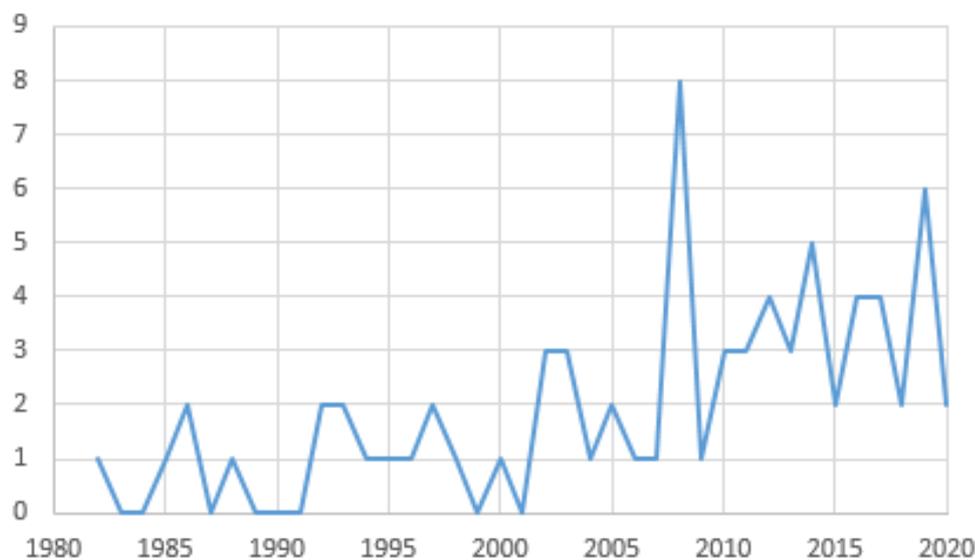


Figura 1. The Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA)

Número de publicação por ano



Fontes: *Web of Science, Scopus e SciELO, 2020.*

Tabela 1. Distribuição dos estudos selecionados em categorias

Estudos/Nº	%	Eixos	Assuntos
29	39,2	Perspectivas e percepções de terapeutas ocupacionais sobre a prática no meio rural	Apresenta dados sobre a prática no meio rural a partir do relato de terapeutas ocupacionais em formação ou já formados
25	33,8	Metodologias de trabalho no meio rural	Apresenta, discute e discorre sobre demandas, estratégias, metodologias e programas voltados ao atendimento a diferentes populações
10	13,5	Estudo de uma população com viés terapêutico-ocupacional	Apresenta dados sobre as esferas dos fazeres e das ocupações das populações específicas que residem no meio rural, relacionando-os com as bases teóricas de estudos sobre o meio rural
6	8,1	Impactos de uma prática sobre uma população	Apresenta dados que expressam as consequências e a validação de práticas de terapeutas ocupacionais que utilizaram recursos e métodos específicos para atender a demandas das populações rurais.
3	4	À procura de uma educação eficiente	Estratégias utilizadas por terapeutas ocupacionais e pelo meio acadêmico para manter e/ou transformar a prática baseada em evidências utilizando a educação enquanto meio
1	1,3	Não classificado	Meio de transporte mais rápido e eficiente para terapeutas ocupacionais se locomoverem por longas distâncias no meio rural.

Fontes: *Web of Science, Scopus e SciELO, 2020.*

Um total de 177 autores e coautores publicaram estudos sobre terapia ocupacional em interface com o mundo rural, sendo que 160 (90%) o fizeram apenas uma vez e 17 (10%), duas ou mais (Tabela 2). Eles estavam filiados a instituições dos cinco continentes (Tabela 3), com um maior número vinculado à Oceania (n=73), e o país com maior vinculação institucional foi a Austrália (n=73).

Tabela 2. Autores que publicaram dois ou mais estudos

Autores	Nº de Publicações
1. Jeannine Millstead	4
2. Deshini Naidoo	3
3. Angela Dew	2
4. Cheryl L.P. Vigen	2
5. Fiona Barnett	2
6. Jacqueline Van Wyk	2
7. Jeanine Blanchard	2
8. Jenny Martinez	2
9. Laura Guzman	2
10. Lizahn Cloete	2
11. Lynette Mackenzie	2
12. Michelle Fluke	2
13. Michelle Quintyn	2
14. Mike Carlson	2
15. Stacey L. Schepens Niemiec	2
16. Tammy Hoffmann	2
17. Tomomi McAuliffe	2

Fontes: *Web of Science, Scopus e SciELO*, 2020.

Tabela 3. Número de autores e coautores em suas instituições por país e por continente.

Continentes	País	Nº de autores e coautores filiados
Oceania	Austrália	73
Américas	Canadá	20
	EUA	36
	Brasil	2
África	África do Sul	31
Europa	Dinamarca	1
	Inglaterra	1
	Espanha	5
	Suécia	5
Ásia	Índia	1
	China	3
xxxxxxxxx	Não foi identificado	1

Fontes: *Web of Science*, *Scopus* e *SciELO*, 2020.

Os estudos estavam distribuídos em 29 periódicos, dos quais 19 (65,5%) publicaram um estudo e 10 (34,5%) publicaram dois ou mais (Tabela 4). O periódico com mais publicações é o *Australian Occupational Therapy Journal* (n=18).

Tabela 4. Periódicos que publicaram dois ou mais estudos

Periódico	Nº de publicações
<i>Australian Occupational Therapy Journal</i>	18
<i>Australian Journal of Rural Health</i>	7
<i>South African Journal of Occupational Therapy</i>	6
<i>American Journal of Occupational Therapy</i>	5
<i>Occupational Therapy in Health Care</i>	5
<i>Occupational Therapy International</i>	4
<i>Rural and Remote Health</i>	4
<i>African Journal of Disability (Online)</i>	2
<i>Canadian Journal of Occupational Therapy</i>	2
<i>The Australian Journal of Rural Health</i>	2

Fontes: *Web of Science*, *Scopus* e *SciELO*, 2020.

Os contextos rurais ao redor do mundo podem ser bem diferentes. Assim, a prática da terapia ocupacional pode ter características específicas de acordo com o local. No entanto, a

falta de profissionais, os desafios das longas distâncias e o isolamento são aspectos comuns (QUINTYN, 1986; KENKRE, 1994; STAGNITTI, 2008). A falta de terapeutas ocupacionais atuantes no meio rural está bem documentada em diversos estudos (MILLSTEED, 2000; PETERSON; RAMM; RUZICKA, 2003; LANNIN; LONGLAND, 2003; BATEMAN, 2012; MERRIT; PERKINS; BORELAND, 2013). No mesmo sentido, profissionais e estudantes de graduação relatam que este isolamento de outros profissionais da área demanda algumas habilidades específicas (POLATAJKO; QUINTYN, 1986; MARKEWITZ, 1992; DALY *et al.*, 1997; MILLS; MILLSTEED, 2002; LEE; MACKENZIE, 2003; STEENBERGEN; MACKENZIE, 2004; DEVINE, 2006; MCAULIFFE; BARNETT, 2009; WIELANDT; TAYLOR, 2010; MCAULIFFE; BARNETT, 2010; VAN RENSBURG; TOIT, 2016; NAIDOO; WYK; WAGGIE, 2017). Um raciocínio profissional de cunho generalista e uma formação profissional continuada direcionada às demandas de diversas naturezas do meio rural são necessários. Assim, estes profissionais são descritos como “especialistas generalistas” (MILLS; MILLSTEED, 2002).

As populações residentes do meio rural, por sua vez, podem sofrer um processo de ruptura em sua vida cotidiana, seja por acidentes, pela marginalização social ou pelo isolamento (CROUCH, 2008; KINGSTON; TANNER; GRAY, 2010; PARSONS; STANLEY, 2008; PRIETO-BUENO; CANTERO-GARLITO, 2020). Neste sentido, o processo de adaptação parece requerer uma reorganização dos fazeres e das ocupações da vida diária (KINGSTON; TANNER; GRAY, 2010; PARSONS; STANLEY, 2008). Tais reorganizações se mostram fundamentais para a promoção de saúde, a qualidade de vida e para a própria sobrevivência (IWARSSON *et al.*, 1998).

O processo de rupturas no cotidiano afetaria não só as pessoas que as sofrem, mas também aquelas que compõem a rede social em seu entorno, o que levaria as pessoas a sentirem as mudanças em seus cotidianos e no engajamento ocupacional¹ de forma diferente, a depender do contexto no qual estão inseridas (KINGSTON; TANNER; GRAY, 2010; MCDUGALL; BUCHANAN; PETERSON, 2014; NAIDOO; WYK; JOUBERT, 2017; NAIDOO *et al.*, 2016; PARSONS; STANLEY, 2008).

A desigualdade social também é algo que perpassa o cotidiano de muitas pessoas no mundo rural. A pobreza, a vulnerabilidade social e a exploração da mão de obra são fatores

¹ Entendido como a performance ou o próprio fazer das ocupações quando se tem um produto a ser alcançado (MCDUGALL; BUCHANAN; PETERSON, 2014).

estressores que afetam a participação social de pessoas de diversas idades (BARTIE *et al.*, 2016; CROUCH, 2008; PRIETO-BUENO; CANTERO-GARLITO, 2020; SANTOS; MENTA, 2016). No entanto, atividades físicas e de relaxamento podem servir como estratégias promotoras de saúde e qualidade de vida (CROUCH, 2008).

Assim, com a singularidade das demandas do meio rural, terapeutas ocupacionais podem defrontar-se com diversas demandas. As práticas que se voltam para os tratamentos de doenças crônicas, como o linfedema (KING; COMAN, 1993), a prescrição e a confecção de tecnologia assistiva (CRONIN, 2018; MURPHY, 1996), o manejo do estresse pós-traumático (BONTEMPO *et al.*, 2008), os trabalhos de adaptação ergonômica (BOWMAN, 2012), trabalhos na área do desenvolvimento infantil (CRONIN, 2018; LUST; DONICA, 2011) e na área de saúde mental (MCKINSTRY; CUSICK, 2015) são algumas delas.

Com isso, alguns instrumentos para a intervenção foram desenvolvidos para o trabalho com populações específicas. O *¡Vivir mi Vida!*, por exemplo, é um método para a intervenção com populações latinas de 50 a 64 anos e trabalhadores do meio rural nos Estados Unidos da América - EUA (NIEMIEC *et al.*, 2018, 2019). O Crosstrainer Programme (CTP) é um método de intervenção sul-africano que se volta para o desenvolvimento infantil nas regiões rurais com menos recursos e falta de acesso a serviços (VILLIERS; HOMAN; ROOYEN, 2019). Já o *Capabilities, Opportunities, Resources and Environments* (CORE) é uma abordagem de intervenção inclusiva que visa potencializar as capacidades, as oportunidades, os recursos e o ambiente da pessoa que está sendo atendida, e este, podendo ser o meio rural (PEREIRA *et al.*, 2020).

Esses textos vão na direção de confirmar e promover a contribuição do profissional da área de terapia ocupacional. Mesmo que ele divida o ambiente de trabalho com colegas de outras profissões, ele é capaz de identificar demandas relacionadas ao cotidiano que, muitas vezes, nem os outros membros da equipe e tampouco a população atendida conseguiriam identificar (MURPHY; LAM, 2002).

No entanto, a prática terapêutico-ocupacional em Atenção Primária em Saúde no meio rural possibilitaria ao profissional uma articulação com a população de forma mais horizontalizada, uma prática mais comunitária e participativa (VAN RENSBURG; TOIT, 2016). Além disso, esse recorte pode demandar do profissional uma adaptação cultural para determinadas intervenções (HOOPER; THOMAS; CLARKE, 2007).

Uma forma de prática profissional no meio rural é a denominada terapia ocupacional comunitária, que consiste na colaboração do profissional com as pessoas em sua comunidade e contexto (TOWNSEND; ANDERSON; JENNER, 1988). É colocada como uma abordagem que poderia ser utilizada como forma de mobilizar as pessoas a pensarem e criarem ações para potencializar o contexto em que se vive, melhorando a qualidade de vida e promovendo saúde (WATSON, 2013). Poderia ser, também, combinada com outras abordagens a fim de melhorar a perspectiva e a inserção do profissional nas comunidades rurais (LAUCKNER; STADNYK, 2014).

Entretanto, frente às longas distâncias a serem percorridas pelos profissionais para a realização de intervenções presencialmente, as tecnologias de comunicação e informação se mostraram grandes facilitadores para tanto (TAYLOR; LEE, 2005; WAKEFORD *et al.*, 2005; HOFFMANN; CANTONI, 2008; HEGEL *et al.*, 2011; CHEDID; DEW; VEITCH, 2013). O teleatendimento possibilitaria que mais pessoas tivessem acesso ao serviço do terapeuta ocupacional sem sair de seu contexto de vida. Permitiria que os profissionais atendessem demandas de orientação e prescrição de atividades (CHEDID; DEW; VEITCH, 2013), auxiliando no acompanhamento, no manejo e nas orientações relacionadas às demandas das pessoas atendidas, além de ser também uma forma de atender a pessoa em seu contexto de vida (GARDNER; BUNDY; DEW, 2016; HOFFMANN *et al.*, 2008; LANGBECKER *et al.*, 2019).

Porém, o teleatendimento depende do acesso a recursos necessários tanto por parte da pessoa quanto por parte do profissional e inviabiliza o atendimento de demandas que implicam um contato direto e próximo da pessoa atendida (HOFFMANN; CANTONI, 2008).

Diversos fatores influenciam a tomada de decisão do profissional quanto a atuar no meio rural, como a experiência pessoal prévia com o mesmo e os gostos pessoais em relação ao estilo de vida rural (MARKEWITZ, 1992; MILLS; MILLSTEED, 2002). Não obstante, a prática nesse meio é desafiadora, uma vez que, assim como o meio urbano, o meio rural é singular e possui uma variedade de demandas, mas com menos serviços e profissionais para atendê-las. Ademais, estudos relatam a falta de suporte para o terapeuta ocupacional rural, o que, de modo geral, pode levar a uma sensação de isolamento. Além disso, o trabalho na comunidade rural pode desencadear problemas pessoais, como a dificuldade para fazer amizades, rejeição da comunidade, problemas de privacidade e a educação de filhos (MILLS; MILLSTEED, 2002).

Uma forma de preparar o profissional da área de terapia ocupacional para atuar no meio rural é a educação. Pensando nisso, a Universidade de Dakota do Sul, nos EUA, adicionou em seu currículo um módulo relacionado ao meio rural, favorecendo que estudantes da área

pudessem discutir e estudar esse contexto de uma forma voltada especificamente para a terapia ocupacional (SMALLFIELD; ANDERSON, 2008).

Algumas estratégias para lidar com a sensação de isolamento e falta de suporte profissional mencionadas foram criadas, como a criação de um vínculo de trocas com outros terapeutas ocupacionais rurais e estratégias de Educação Permanente (STEENBERGEN; MACKENZIE, 2004). Na Austrália, há a referência de um estudo que se voltava para a perspectiva de terapeutas ocupacionais sobre a prática rural e a falta de suporte para o profissional foi documentada. Uma estratégia foi criar uma rede virtual para a troca de informações (ELLIOTT-SCHMIDT; STRONG, 1995). Ainda, outra maneira de se manter preparado e atualizado sobre as práticas profissionais no meio rural seria por meio de estratégias de educação continuada, que podem ser de cunho autônomo ou sistematizada em forma de cursos por alguma instituição de referência (HU, 2012; NIPP; VOGTLE; WARREN, 2014). Com isso, conforme HU (2012) muitos terapeutas ocupacionais atuantes do meio rural inglês teriam o hábito de manter uma rotina de estudos para realizar a prática baseada em evidências.

CONCLUSÕES

O meio rural é um contexto com características únicas e singulares, com diversas demandas, mas com um número insuficiente de terapeutas ocupacionais nele atuantes. Existem estudos sendo produzidos sobre a terapia ocupacional na interface com o meio rural, como pudemos encontrar, desde a década de 1980, porém, trata-se de um assunto com pouca visibilidade na área.

Este trabalho sistematizou referências e principais achados sobre a temática, podendo-se afirmar que o suporte profissional e a fundamentação teórica para diversas problemáticas que são da alçada do terapeuta ocupacional no meio rural ainda são escassos e insuficientes.

Terapeutas ocupacionais atuam no meio rural em todo o mundo, trabalhando com diversas metodologias como as que foram aqui apresentadas, entretanto, a “terapia ocupacional comunitária” e o “teleatendimento” são recorrentes. Pontua-se o destaque para profissionais na Austrália, que, no âmbito desta pesquisa, foram mais presentes.

Ademais, percebeu-se diversas possibilidades de ação voltadas para uma perspectiva coletiva e socialmente referenciada, todavia, essas dimensões do trabalho ainda precisam ser melhor discutidas, como as questões em torno das problemáticas sociais relacionadas a vulnerabilidades coletivas, sociais e culturais.

Esse seria, à exemplo, um caminho interessante para informar a ação profissional no território rural brasileiro, marcado pela “Questão Agrária”. Tendo em vista que esta envolve problemáticas relacionadas ao uso, à posse e à propriedade da terra, inerente ao capitalismo e, no caso do Brasil, marcada historicamente pela concentração fundiária, das quais decorrem importantes conflitos e desigualdade social no campo, como: a expulsão e exploração dos camponeses; a luta pela terra e pela reforma agrária, a violência e repressão no campo, os movimentos de resistência pela existência no espaço rural e os modelos de desenvolvimento em disputa. Assim, essa questão envolve aspectos sociais, políticos e econômicos, como também a resistência camponesa, que luta por espaços de vida, pela reforma agrária e democratização da terra (FARIAS; FALEIRO; LOPES, 2019).

Por fim, nota-se que os estudos analisados podem contribuir para a prática profissional, e, pensando o contexto brasileiro, podem ajudar a avançar as tecnologias de ação, seja na aplicação contextualizada do que já existe, como o uso do teleatendimento e da prática terapêutico-ocupacional comunitária, seja com a identificação dos gargalos, como a

necessidade de desenvolver uma compreensão mais cultural, social e coletiva da ação no território/mundo rural.

REFERÊNCIAS

- ARKSEY, H.; O'MALLEY, L., Scoping studies: towards a methodological framework. **International Journal of Social Research Methodology**, Inglaterra, v.8, n.1, p.19-32, 2005. Doi: <https://doi.org/10.1080/1364557032000119616>.
- BARTIE, M. *et al.* The Play Experiences of Preschool Children from a Low-socio-economic Rural Community in Worcester, South Africa. **Occupational Therapy International**, Egito, v. 23, n. 2, p. 91–102, 2016.
- BATEMAN, C. 'One size fits all' health policies crippling rural rehab – therapists. **South African Medical Journal**. África do Sul, v. 102, n. 4, p. 200-208, 2012.
- BONTEMPO, T. *et al.* The development of a resource guide on post traumatic stress disorder for rural health care workers. **Asia Pacific Disability Rehabilitation Journal**, Índia, v. 19, n. 2, p. 34–49, 2008.
- BOWMAN, P. J. Ergonomics work assessment in rural industrial settings: A student occupational therapy project. **Work**, Canadá, v. 43, n. 3, p. 323–329, 2012.
- CHEDID, R.J.; DEW, A.; VEITCH, C. Barriers to the use of Information and Communication Technology by occupational therapists working in a rural area of New South Wales. **Australian Occupational Therapy Journal**. Austrália, v. 60, n. 3, p. 197-205, 2013.
- COETZEE, Z. Every dance has its own story - how participation in dance empowered youth living in a rural community to buffer an intergenerational cycle of poverty. **South African Journal of Occupational Therapy**, África do Sul, v. 41, p. 50–54, 2011.
- COLQUHOUN, H. L. *et al.*, Scoping reviews: time for clarity in definition, methods, and reporting. **Journal of Clinical Epidemiology**, Toronto, v. 26, n. 67, p. 1291-1294, jul. 2014. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2014.03.013>
- CRONIN, A. F. Assistive technology reasoning in rural school-based occupational therapy. **Assistive Technology**, [S. l.], v. 30, n. 4, p. 209–217, 2018.
- CROUCH, R. B. A community-based stress management programme for an impoverished population in South Africa. **Occupational Therapy International**, Egito, v. 15, n. 2, p. 71–86, 2008.
- DALY, J. *et al.* The research and educational priorities of rural occupational therapists. **Australian health review: a publication of the Australian Hospital Association**. Austrália, v. 20, n. 1, p. 129-38, 1997.
- DEVINE, S. Perceptions of occupational therapists practising in rural Australia: a graduate perspective. **Australian Occupational Therapy Journal**. Austrália, V. 53, n. 3, p. 205-10, set. 2006.
- ELLIOTT-SCHMIDT, R.; STRONG, J. Rural occupational therapy practice: a survey of rural practice and clinical supervision in rural Queensland and Northern New South Wales. **Australian Journal of Rural Health**, Austrália, v. 3, n. 3, p. 122–131, 1995.

FARIAS, M. N.; FALEIRO, W.; LOPES, R. E., Juventudes do campo no Brasil: migração, educação e terapia ocupacional social. **Revista Chilena de Terapia Ocupacional**, Chile, v. 19, n. 2, p. 51-61, 2019.

GARDNER, K.; BUNDY, A.; DEW, A. Perspectives of rural carers on benefits and barriers of receiving occupational therapy via Information and Communication Technologies. **Australian Occupational Therapy Journal**, Austrália, v. 63, n. 2, p. 117–122, 2016.

GOODYEAR, S. N.; CHISHOLM, L.; MCCARTHY, R. Development of a community based horticultural therapy program. **Acta Horticulturae**, Bélgica, v. 954, p. 155–158, 2012.

HEGEL, M.T. *et al.* Feasibility study of a randomized controlled trial of a telephone-delivered problem-solving-occupational therapy intervention to reduce participation restrictions in rural breast cancer survivors undergoing chemotherapy. **Psycho-Oncology**. Estados Unidos, v. 20, n. 10, p. 1092-1101, 2011,

HOFFMANN, T. *et al.* Using the Internet to assess activities of daily living and hand function in people with Parkinson's disease. **NeuroRehabilitation**, Holanda, v. 23, n. 3, p. 253–261, 2008.

HOFFMANN, T.; CANTONI, N. Occupational therapy services for adult neurological clients in Queensland and therapists' use of telehealth to provide services. **Australian Occupational Therapy Journal**. Austrália, v. 55, n. 4, p. 239-48, 2008.

HOOPER, K; THOMAS, Y.; CLARKE, M. Health professional partnerships and their impact on Aboriginal health: An occupational therapist's and Aboriginal health worker's perspective. **Australian Journal of Rural Health**. Austrália, v. 15, p. 46-51, 2007.

IWARSSON, S. *et al.* Occupation and Survival: A 25-Year Follow-Up Study of an Aging Population. **American Journal of Occupational Therapy**, Estados Unidos, v. 52, n. 1, p. 65–70, 1998.

HU, D. Occupational therapists' involvement views, and training needs of evidence-based practice: a rural perspective. **International Journal of Therapy and Rehabilitation**, Reino Unido, v. 19, n. 11, p. 618–628, 2012.

JOHNSON, A. *et al.* The Experiences of being a rural occupational therapist. *Journal of Undergraduate Research* **VI**, Estados Unidos. 2003. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/238774761_The_Experiences_of_Being_a_Rural_Occupational_Therapist> Acesso em: 19 mar. 2020.

KENKRE, I.R. Occupational therapy in rural India. **Occupational Therapy International**. Egito, v. 1, n. 1, p. 29-35, 1994.

KING, S.; COMAN, M. Managing lymphoedema in a rural and remote area as a sole occupational therapy practitioner. **Australian Journal of Rural Health**, Austrália, v. 2, n. 1, p. 9–12, 1993.

KINGSTON, G.; TANNER, B.; GRAY, M. A. The functional impact of a traumatic hand

injury on people who live in rural and remote locations. **Disability and Rehabilitation**, Reino Unido, v. 32, n. 4, p. 326–335, 2010.

LANGBECKER, D. H. *et al.* Impact of school-based allied health therapy via telehealth on children's speech and language, class participation and educational outcomes. **Journal of Telemedicine and Telecare**, Reino Unido, v. 25, n. 9, p. 559–565, 2019.

LANNIN, N.; LONGLAND, S. Critical shortage of occupational therapists in rural Australia: Changing our long-held beliefs provides a solution. **Australian Occupational Therapy Journal**. Austrália. v. 50, n. 3, p. 184-87, set. 2003.

LAUCKNER, H.M; STADNYK, R.L. Examining an occupational perspective in a rural Canadian age-friendly consultation process. **Australian Occupational Therapy Journal**. Austrália, v. 61, n. 6, p. 376-383, 2014.

LEE, S.; MACKENZIE, L. Starting out in rural new South Wales: The experiences of new graduate occupational therapists. **Australian Journal of Rural Health**. Austrália, v. 11, n. 1, p. 36-43, jan. 2003.

LEVAC, D.; COLQUHOUN, H.; O'BRIEN, K. K. Scoping studies: advancing the methodology. **Implementation Science**, Reino Unido, v.5, n.1, p.1-9, 2010.
Doi:10.1186/1748-5908-5-69

LUST, C. A.; DONICA, D. K. Effectiveness of a Handwriting Readiness Program in Head Start: A Two-Group Controlled Trial. **American Journal of Occupational Therapy**, Estados Unidos, v. 65, n. 5, p. 560–568, 2011.

MARKEWITZ, K. Training in a foreign land that is home. **Occupational Therapy in Health Care**. Estados Unidos, v. 8, n. 1, p. 89-96, 1992.

MAYS, N.; ROBERTS, E.; POPAY, J. Synthesising research evidence. In.: FULOP, N. et al. (Orgs). **Studying the organisation and delivery of health services: Research methods**. Londres, 2001. p.188-220.

MC AULIFFE, T.; BARNETT, F. Factors influencing occupational therapy students' perceptions of rural and remote practice. **The Internacional Eletronic Journal of Rural and Remote Health Research**, Austrália, v.1, n.9, p.293-300, 2009.

MC AULIFFE, T.; BARNETT, F. Perceptions towards rural and remote practice: a study of final year occupational therapy students studying in a regional university in Australia. **Australian Occupational Therapy Journal**. Austrália, v. 57, p. 293-300, 2010.

MCDUGALL, C.; BUCHANAN, A.; PETERSON, S. Understanding primary carers' occupational adaptation and engagement. **Australian Occupational Therapy Journal**, Austrália, v. 61, n. 2, p. 83–91, 2014.

MCKINSTRY, C.; CUSICK, A. Australia needs more occupational therapists in rural mental health services. **Australian Occupational Therapy Journal**, Austrália, v. 62, n. 5, p. 275–276, 2015.

MERRIT, J.; PERKINS, D.; BORELAND, F. Regional and remote occupational therapy: A preliminary exploration of private occupational therapy practice. **Australian Occupational Therapy Journal**. Austrália, v. 60, n. 4, p. 276-87, ago. 2013.

MILLS, A.; MILLSTEED, J. Retention: an unresolved workforce issue affecting rural occupational therapy services. **Australian Occupational Therapy Journal**. Austrália, v. 49, n. 4, p. 170-81, dez. 2002.

MILLSTEED, J. Issues affecting Australia's rural occupational therapy workforce. **Australian Journal of Rural Health**, Austrália, v. 8, n.2, p. 73-76, 2000.

MILLSTEED, J. The contribution of occupational therapy to the fabric of Australian rural and remote communities. **Australian Occupational Therapy Journal**. Austrália, v. 44, p. 5-106, 1997.

MURPHY, D. Lycrac working splint for the rheumatoid arthritic hand with MCP ulnar deviation. **Australian Journal of Rural Health**, Austrália, v. 4, n. 4, p. 217–220, 1996.

MURPHY, D.D.; LAM, C.L.K. Functional needs: agreement between perception of rural patients and health professionals in China. **Occupational Therapy International**. Egito, v. 9, n. 2, p. 91-110, 2002.

MOHER, D.; LIBERATI, A.; TETZLAFF, J.; ALTMAN, D. G.; PRISMA Group. Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: the PRISMA statement. **PLoS Medicine**, v.6, e1000097, 2009. doi:10.1371/journal.pmed.1000097

NAIDOO, D. *et al.* Having a child with cancer: African mothers' perspective. **South African Journal of Occupational Therapy**, África do Sul, v. 46, p. 49–54, 2016.

NAIDOO, D.; WYK, J.V.; JOUBERT, R. Community stakeholders' perspectives on the role of occupational therapy in primary healthcare: Implications for practice. **African Journal of Disability**, África do Sul, v. 6, 2017.

NAIDOO, D.; WYK J.V.; WAGGIE, F. Occupational therapy graduates' reflections on their ability to cope with primary healthcare and rural practice during community service. **South African Journal of Occupational Therapy**. África do Sul, v. 47, n. 3, p. 39-45, 2017.

NIEMIEC, S. L. S. *et al.* A Pilot Study of the ¡Vivir Mi Vida! Lifestyle Intervention for Rural-Dwelling, Late-Midlife Latinos: Study Design and Protocol. **OTJR Occupation, Participation and Health**, Estados Unidos, v. 39, n. 1, p. 5–13, 2019.

NIPP, C. M.; VOGTLE, L. K.; WARREN, M. Clinical Application of Low Vision Rehabilitation Strategies After Completion of a Computer-Based Training Module. **Occupational Therapy In Health Care**, Estados Unidos, v. 28, n. 3, p. 296–305, 2014.

PARSONS, L.; STANLEY, M. The lived experience of occupational adaptation following acquired brain injury for people living in a rural area. **Australian Occupational Therapy Journal**, Austrália, v. 55, n. 4, p. 231–238, 2008.

PEREIRA, R. B. *et al.* Capabilities, Opportunities, Resources and Environments (CORE): Using the CORE approach for inclusive, occupation-centred practice. **Australian Occupational Therapy Journal**, Austráalia, v. 67, n. 2, p. 162–171, 2020.

PETERSON, C.; RAMM, K.; RUZICKA. Occupational therapists in rural healthcare: A "jack of all trades". **Occupational Therapy in Health Care**, Estados Unidos. v. 17, n. 1, p. 55-62, 2003.

POLATAJKO, H.; QUINTYN, M. Factors affecting occupational therapy job site selection in underserved areas. **Canadian Journal of Occupational Therapy**. Canadá, v. 53, n. 3, p. 151-58, jun. 1986.

PRIETO-BUENO JUANA MARÍA, C.-G. P. A. Situación ocupacional y recursos sociales de las mujeres mayores en situación de dependencia atendidas por un servicio de ayuda a domicilio en el ámbito rural. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 28, p. 950–966, 2020.

QUINTYN, M. The occupational therapy Northern Outreach Program: a description. **Canadian Journal of Occupational Therapy**. Canadá, v. 53, n. 4, p. 223-228, 1986.

REGAN N. N., The implementation of occupational therapy services in rural school systems. **American Journal of Occupational Therapy**, Estados Unidos, v. 36, n.2, p. 85-89, 1982.

SANTOS, A. C.; MENTA, S. A. Reflecting the interface between rural work and mental health of citriculture workers. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar** São Carlos, v. 24, n. 4, p. 765–775, 2016.

SMALLFIELD, S.; ANDERSON, A. J. Addressing agricultural issues in health care education: An occupational therapy curriculum program description. **Journal of Rural Health**, Estados Unidos, v. 24, n. 4, p. 369–374, 2008.

STAGNITTI, K. Occupational therapy practice in rural and remote South Australia. **Australian Journal of Rural Health**. Austráalia, v. 16, n. 5, p. 253-254, 2008.

STEENBERGEN, K.; MACKENZIE, L. Professional support in rural New South Wales: Perceptions of new graduate occupational therapists. **Australian Journal of Rural Health**. Austráalia, v. 12, n. 4, p. 160-65, ago. 2004.

TAYLOR, R.; LEE, H. Occupational therapists' perception of usage of information and communication technology (ICT) in Western Australia and the association of availability of ICT on recruitment and retention of therapists working in rural areas. **Australian Occupational Therapy Journal**. Austráalia, v. 52, n. 1, p. 51-56, 2005.

TRICCO, A.C., *et al.* PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR): checklist and Explanation. **Ann. Intern. Med.** Estados Unidos, v. 169, n. 473, 2018. doi:10.7326/M18-0850

TOWNSEND, E.A.; ANDERSON, S.C.; JENNER, S. Developing rural health services: An occupational therapy case study. **Canadian Journal of Public Health**. Canadá, v. 79, n. 2, p. 92-96, 1988.

VAN RENSBURG; E.J.; TOIT, S.H.J.D. The value of a rural service learning experience for final year undergraduate occupational therapy students. **South African Journal of Occupational Therapy**. África do Sul, v. 46, n. 1, p. 9-14, 2016.

VILLIERS, D.; HOMAN, A.; ROOYEN, C. Early Childhood Development and the Crosstrainer Programme in Rural Mahikeng. **South African Journal of Occupational Therapy**, África do Sul, v. 49, n. 2, p. 18–23, 2019.

WAKEFORD, L. *et al.* Telerehabilitation position paper. **American Journal of Occupational Therapy**. Estados Unidos, v. 59, n. 6, p. 656-60, 2005.

WANDERLEY, M. N., A ruralidade no Brasil moderno. por um pacto social no desenvolvimento rural. In.: GIARRACCA, N. (Org.). **Una nueva ruralidad en America Latina?** Buenos Aires: Clocso, 2001. p. 31-44.

WANDERLEY, M. N. B. O Lugar dos Rurais: O Meio Rural no Brasil Moderno. In: Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 35., 1997, Natal. **Anais eletrônicos...** Brasília: SOBER, p. 90-113, 1997. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/21-encontro-anual-da-anpocs/st-3/st01-2/5213-mariawanderley-o-lugar-dos/file>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

WATSON, R. A population approach to occupational therapy. **South African Journal of Occupational Therapy**. África do Sul, v. 43, p. 35-39, 2013.

WIELANDT, P.M.; TAYLOR, E. Understanding rural practice: implications for occupational therapy education in Canada. **Rural and Remote Health**. Austrália, v. 10, n. 1488, p. 1-13, 2010.

WILLS, K., & CASE-SMITH, J., Perceptions and Experiences of Occupational Therapists in Rural Schools. **American Journal of Occupational Therapy**, Estados Unidos, v. 50, p. 370-78, 1996.